

TURISMO E O MUSEU DE FAVELA:

Um caminho para novas imagens das favelas do Rio de Janeiro.

Bel. Camila Moraes

Resumo:

O trabalho versa sobre a implementação do Projeto Turismo no Museu de Favela, em andamento no Complexo de favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. O projeto surge após a fundação da organização não-governamental Museu de Favela (MUF), constituída por moradores das comunidades, com o objetivo de valorização da memória coletiva. Para a promoção de visitas ao museu pensaram em aliar sua proposta ao Turismo, em função da localização das favelas e do interesse por turistas em visitá-las. Deste modo, foi elaborado em convenio com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) um curso de extensão em Turismologia para a comunidade capacitar-se para a organização de visitas e elaboração de roteiros nas favelas. Como turismóloga responsável pelo projeto estou analisando, em trabalho de campo, a relevância da relação Turismo e Museus para a reafirmação das comunidades faveladas do Rio de Janeiro.

Palavras-Chave: Turismo, Museus e Favelas

TURISMO E O MUSEU DE FAVELA:**Um caminho para novas imagens das favelas do Rio de Janeiro.**

Camila Moraes

Abstract:

The paper discusses the implementation of the Tourism Project at the Museum of Favela, underway in the complex slums Pavão, Pavãozinho and Cantagalo. The project comes after the founding of the non-governmental Museum of Favela (MUF), consisting of community residents, with the goal of recovery of collective memory. For the promotion of visits to the museum thought about his proposal to combine tourism, depending on the location of slums and the attractiveness of tourists visit them. Thus was produced through an agreement with the Acceleration Program (PAC) and the Federal University of Rio de Janeiro (UNIRIO) an extension course in Turismologia to enable the community to the organization of visits and preparation Route slums. How turismóloga responsible for the project I am examining, on fieldwork, the importance of respect Tourism and Museums for the reaffirmation of the slum communities of Rio de Janeiro.

Keywords: Tourism, Museum and Slums

Introdução

Segundo estudos de Freire-Medeiros e Menezes (2006), o Turismo de Favela, não é uma prática de hoje. Relatos de viajantes, que visitaram o Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, revelam que visitar favelas cariocas não é uma prática que surgiu recentemente.

A visitação da Rocinha ocorre, com finalidade turística, desde a década de 1990, sua localização, grandiosidade e movimentação econômica despertam o interesse da sociedade e dos turistas.

O mercado desta segmentação tem se expandido para outras comunidades cariocas. No Morro da Babilônia, a exemplo do que acontece na Rocinha, são realizados *tours* pela localidade, com características distintas. Nesta, as visitas são organizadas por agentes internos como uma forma de desenvolvimento sustentável para a comunidade, sem permitir a interferência de agentes externos (FREIRE-MEDEIROS E MENEZES, 2006).

No Morro dos Prazeres há ao mesmo tempo uma colaboração e disputa entre agentes internos e externos que tentam organizar *tours* no local. O foco dessa experiência é a dimensão artística da favela (FREIRE-MEDEIROS E MENEZES, 2006).

No Morro da Serrinha existe um projeto de criação de outro corredor de visitação, que visa os aspectos culturais relacionados ao samba, jongo e manifestações religiosas ligadas à cultura africana como a umbanda (OMENA, 2009).

Pereira da Silva é outro morro que tem como estratégia turística o funcionamento de uma pousada com cinco unidades habitacionais, todas com sacadas que permitem a contemplação de belas paisagens. Em Vila Canoas, a hospedagem se dá de forma distinta. Os moradores hospedam os turistas em suas próprias casas (OMENA, 2009).

A Casa de Cultura, localizada na Maré, foi criada em 2006 e possui um acervo formado por materiais pertencentes, aos moradores da favela objetivando a preservação do patrimônio cultural das periferias (OMENA, 2009). No ano de 2009, o Museu ganhou sinalização turística as

margens das Linhas Vermelha e Amarela, Avenida Brasil, importantes estradas do estado do Rio de Janeiro que dão acesso a comunidade.

No Morro da Providência o turismo foi idealizado com a criação do Museu a Céu Aberto pelo Poder Público, que promoveu a recuperação de pontos históricos (MENEZES, 2008). Este projeto foi resultado da ação integrada do Programa Favela-Bairro e do Projeto de Desenvolvimento e Revitalização da Área Portuária, ambos realizados pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.

Menezes (2008) em sua dissertação de Mestrado destaca a especificidade do projeto do Museu da Providência dentro do contexto de revitalização da Zona Portuária e planejamento estratégico da cidade que o diferencia de outros museus em favelas, como por exemplo, o Museu da Maré.

Segundo Freire-Medeiros (2006) O Museu da Maré pode ser pensado como “um museu para dentro”, ou seja, para os próprios moradores da favela; enquanto que o Museu da Providência foi planejado como um “museu para fora”, para os turistas, para a visita externa, para “gerar o contágio da cidade com a favela”.

No ano de 2009, o Programa de Aceleração do Cescimento (PAC), o Museu de Favela e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) deram início ao Projeto Turismo no MUF (TURISMUF) que tem como proposta a capacitação da população local para o envolvimento na atividade turística.

O projeto é considerado a concretização de um debate que vem sendo desenvolvido na comunidade desde 2008. Em busca de uma “vocação econ mica” para o local, encravado entre Copacabana e Ipanema, bairros com forte apelo turístico, a comunidade se redescobriu como uma área cultural de talentos para a arte, que desenvolve música, dança e artesanato. Surgindo então, um movimento de reafirmação da identidade coletiva e de recomposição da memória de uma comunidade que existe há cerca de cem anos (MUSEU DE FAVELA, 2009).

O MUF é o primeiro museu territorial integral do Brasil. Instalado no complexo de favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo.

Segundo Scheiner (2009), um Museu Territorial é um tipo de museu de museu que articula a paisagem a comunidade através de qualquer tipo de relação entre sociedade e natureza

na produção da cultura. Deste modo, o MUF pretende desenvolver um trabalho de mobilização da comunidade e ao mesmo tempo tornar-se uma atração turística, aproveitando esta articulação paisagem e comunidade que atrai tantos turistas as favelas do Rio de Janeiro

Neste sentido, o Museu de Favela nasce com uma perspectiva que une os objetivos do Museu da Maré e do Museu da Providência. Seu conselho diretor pretende voltar o museu para os públicos internos e externos. Internamente mobilizando a comunidade e externamente atraindo turistas.

Neste artigo analiso a organização não-governamental (ONG) Museu de Favela (MUF), o início de suas atividades voltadas para o turismo, com a expectativa de divulgar uma nova imagem da favela, de resignificá-la e reafirmá-la.

O Projeto Turismo no Museu de Favela (TURISMUF):

Este ano comecei a participar de um projeto que me encantou, o Projeto TURISMUF no Complexo de favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. Este projeto tem a proposta de atrair turistas para a região, possibilitando a geração de renda para a comunidade local.

Para entendermos este projeto precisamos identificar alguns de seus atores e como surgiu esta idéia de turismo no Museu de Favela.

“O MUF começou como um vento de idéias de moradores insatisfeitos com o estado das coisas e com muita motivação e energia para promover mudanças.” (Site do Museu de Favela)

Segundo o jornal de apresentação do MUF, o Museu foi formada com a integração de moradores das comunidades do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo e trabalha pela realização de um “plano cívico comum”, “traz uma visão de futuro transformadora das condições de vida na favela”, através da valorização da memória cultural coletiva e do desenvolvimento territorial e turístico (MUSEU DE FAVELA, 2009).

Assim, segundo

informações encontradas no site e no jornal do MUF (2009) que surgiu a visão de futuro que se tornou o macro-objetivo do MUF:

“Transformar o morro em um Monumento Turístico Carioca da História de Formação de Favelas, das Origens Culturais do Samba, da Cultura do Migrante Nordestino, da Cultura Negra, de Artes Visuais e de Danças – Um grande roteiro de visita turística nacional e internacional da Cidade do Rio de Janeiro” (MUSEU DE FAVELA, 2009)

Foi em meio a tantas idéias que o MUF constituiu-se enquanto ONG com estatuto, diretoria, sócios fundadores e um Conselho Comunitário aberto para a participação de todos os projetos e trabalhos realizados na comunidade.

No jornal de apresentação do Museu de Favela (2009) encontrei também o depoimento de uma ilustre moradora, Rita de Cássia, do morro do Cantagalo que conta porque o MUF foi formado:

“O Rio de Janeiro oferece ao turista beleza natural e pontos turísticos reconhecidos internacionalmente, mas em meio a este cenário estão as favelas, consideradas por muitos como guetos, associados só a violência e a miséria”. Contudo aos olhos de seus moradores, as favelas são locais com uma riqueza histórica e cultural a ser descoberta por aqueles que nunca se permitiram conhecê-la de perto. É pensando nisto que as comunidades do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho tem a meta de se tornar um dos principais destinos de visita turística do Rio, aproveitando que estão entre os bairros de Ipanema e Copacabana, muito valorizados economicamente e onde se hospedam grande parte dos turistas que freqüentam o Rio de Janeiro” (MUSEU DE FAVELA, 2009)

O MUF foi fundado em fevereiro de 2009, com apoio do PAC e de sua Base de Inserção Social, mais conhecida como BISU. É importante mencionar que em todos os PAC's de favelas do Rio de Janeiro há uma empresa atuando nas atividades de inserção social. Estas bases oferecem cursos como, por exemplo: formação para garçons, empreendedorismo, curso de manicure e cabeleireiro, entre outros.

Porém, nas comunidades do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo foi diferente. Segundo o responsável pelo PAC no Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão, em discurso proferido na Aula Inaugural do Projeto TURISMUF; quando chegaram à comunidade e solicitaram uma reunião com o conselho comunitário – conselho consultivo formado por moradores da localidade. Este

conselho sugeriu o desenvolvimento do turismo na região, pois há cerca de 20 anos, segundo um dos sócios fundadores do Museu, turistas visitam as favelas do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo.

Por isso, o MUF sugeriu que fosse desenvolvida a atividade turística de forma organizada na área.

Visando atender a solicitação do MUF, a Kal, empresa responsável pelo BISU nessas comunidades elaborou o projeto do ano de 2009 com cursos voltados para o desenvolvimento turístico da região, aliado a valorização da cultura local.

Para isso, a Kal buscou o Professor Mario Chagas (UNIRIO / IBRAM), para auxiliar na formação deste Museu e sua institucionalização. Após a fundação do Museu, buscaram o Curso de Turismo da UNIRIO para o oferecimento de curso de formação de guias locais.

Nos primeiros contatos com o Curso de Turismo, os professores explicaram que a universidade não tem autorização para formar guias, e informaram que existem cursos específicos para isso. Diante disso, uma das professoras do departamento de Turismo, Tânia Omena (UNIRIO / ABBTUR) apresentou como contraproposta ao MUF: O Projeto Turismo no MUF (TURISMUF).

O TURISMUF é um projeto de extensão da UNIRIO, cujo objetivo é incentivar o turismo como atividade econômica nas comunidades, e capacitar os moradores para trabalharem com turismo, como guias locais. Este projeto busca preparar os moradores para a elaboração de roteiros e planejamentos capazes de incluir a comunidade local, conforme as orientações do Ministério do Turismo, em especial, do Programa de Regionalização.

Segundo definição do Ministério do Turismo (2007)ⁱ, regionalizar é transformar a ação centrada na unidade municipal, para uma política pública mobilizadora de planejamento e coordenação, para o desenvolvimento turístico local, regional, estadual e nacional; de forma articulada e compartilhada. É, também, um esforço coordenado entre municípios, estados e países para ações de negociação, consenso, planejamento e organização social (BRASIL, 2007).

Deste modo, o Ministério apóia ações com o objetivo de ampliação e qualificação do mercado de trabalho; diversificação da oferta turística; estruturação dos destinos; ampliação do consumo turístico no mercado nacional e aumento da inserção competitiva do produto turístico no mercado internacional (BRASIL, 2007).

Neste sentido, uma das principais diretrizes políticas do plano de regionalização é denominada “Roteiros do Brasil: mercado e inclusão social”. É nesta diretriz que está fundamentado o projeto TURISMUF.

O Programa de Regionalização faz uma proposta de transformação produtiva com equidade, propõe inclusão social, envolvimento da comunidade local em processos de decisão, visando também maior geração de renda. Está aí seu potencial para a promoção da aceleração do crescimento local, indo ao encontro das diretrizes do PAC.

O TURISMUF – Turismo no Museu de Favela é um projeto que visa a implementação do Turismo de Base Local via o projeto denominado *Espaços de Potencial Diferencial para o Desenvolvimento de Pólos Turísticos na Cidade do Rio de Janeiro*. Este projeto surge da interseção de dois desafios articulados: a demanda de inserção social e profissional de jovens, especialmente os oriundos de famílias de baixa renda, e a necessidade de desenvolvimento sustentável do turismo em pólos diversos e diferenciados (OMENA, 2009).

O projeto foi aceito e apoiado pelo Governo do Estado, que assinou um convênio com a UNIRIO para colocar o projeto em prática.

Iniciado o projeto, uma das primeiras ações foi participar do primeiro “Visitão” – visita guiada pelos membros do Conselho do MUF. Para esta visita, o Museu de Favela elaborou um roteiro para apresentar as Comunidades do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo a alguns de seus convidados.

O “Visitão”:

Meu trabalho de campo sobre esta iniciativa do MUF de desenvolvimento da atividade turística no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo tem início de fato com o chamado “Visitão”. Esta visita foi apenas para convidados e foi guiada por uma guia turística, sócia fundadora do MUF, e dirige também outra ONG na comunidade, e já leva turistas há mais de quinze anos para essas favelas.

Escolhi este “visitão” para análise neste artigo por três motivações fundamentais:

A primeira motivação foi a oportunidade de ver pela primeira vez o que será mostrado neste roteiro do MUF e me imaginar de fato em um museu, apenas em um formato diferente. Assim, com este meu olhar já direcionado para a idéia do museu pude olhar tudo o que era apresentado como patrimônio das comunidades, parte da história do território e parte do Museu de Favela.

A segunda motivação se deu porque o MUF se apresenta como um Museu *de* Favela e não um Museu *da* Favela, ou seja, a idéia é que o Museu não represente só o Pavão, Pavãozinho e o Cantagalo, mas todas as favelas do Rio de Janeiro, ou seja, apresentará a cultura *de* favela. Assim, acompanhando este roteiro posso entender como eles pensam as favelas do Rio de Janeiro e como eles querem apresentar ou representar as favelas.

A terceira motivação foi o fato de o primeiro “visitão” ter sido apresentado como um grande evento, com certos aspectos de inauguração. O que me deu a certeza de encontrar os grandes personagens desta história, os idealizadores do projeto juntos, apresentando o roteiro pensado por eles, e, sobretudo, conhecer o que o MUF apresentaria antes do Curso de Turismologia.

Farei então um breve resumo do “visitão”:

O roteiro tem início no plano inclinado. A guia que nos acompanha e explica que este plano foi construído após uma tragédia no natal de 1984, quando houve um desmoronamento. No local mais afetado pelo deslizamento, no caminho aberto, o então governador Brizola construiu o plano inclinado, onde um bonde facilita o acesso ao morro. Os moradores que nos acompanhavam no momento, membros do MUF, explicaram que além da construção do plano inclinado, foi construído um CIEP e algumas casas no entorno.

A maior parte dos convidados pegou então o bonde. Eu, como boa aprendiz da antropologia, subi com os moradores as escadarias, para ouvir as histórias e tirar fotografias, mas, infelizmente, pelas escadarias não me deixaram fotografar nada. Isto porque, o turismo em uma favela exige o cumprimento de algumas regras fundamentais, entre elas, *onde*, *quando* e o *que* fotografar, o que não é muito diferente de um museu tradicional.

Ao final da escadaria, encontramos uma vista maravilhosa do Rio de Janeiro – Praia de Copacabana – este foi o primeiro mirante indicado pelos moradores, local onde no futuro eles pretendem sinalizar para que os visitantes entendam que ali eles podem e devem fotografar.

Em seguida nos dirigimos para a casa de Dona Antônia, diretora da Rede MUF. Esta rede foi formada para a articulação de todos os artesãos da comunidade. No natal do último ano eles fizeram uma caixa, confeccionada por um grupo de artesãos, que depois era pintada por artistas plásticos, e dentro da caixa vinham biscoitos feitos por outro grupo da comunidade. Ou seja, a rede funciona para articular todos os artesãos e, neste caso, doceiros dos morros que produziram um produto final comum a todos e em última análise um produto do MUF. Esta pequena amostra do trabalho em rede foi vendida para arrecadação de verba para o museu.

Na casa de Dona Antônia, podíamos também ir ao banheiro, tomar água ou café, além de vermos seus bordados expostos. A guia nos explicou que esta casa será uma casa de artesanato, uma pequena loja.

Dali seguimos pelas vielas, no meio do caminho havia grafites do Presidente do Conselho do MUF – o Acme – e pinturas em tecido de outro morador que nos contou que na última visita do Príncipe Charles ele comprou uma de suas telas.

Enquanto admirávamos as artes plásticas locais, Mario Chagas, amigo, professor e apoiador do projeto, me explicava que eles planejavam montar vitrines a céu aberto para expor as artes visuais, mais ou menos como estavam expostas as obras do artista já internacionalmente conhecido.

Após esta pequena caminhada chegamos a um singelo anfiteatro improvisado, as arquibancadas eram os degraus das escadas das comunidades e o palco a entrada de um bar. Lá se apresentava um coral de crianças da comunidade –*Harmonicanto* – que cantavam músicas de Jorge Benjor falando das belezas do Rio. Ao fundo ouvíamos também um morador aumentando o som de sua música evangélica para abafar o som das crianças cantando, parecendo ignorar a visita que acontecia naquele momento. No entanto outros moradores, a pedido do grupo do MUF, deixavam os convidados subir em suas lajes para admirar a vista.

Depois de um tempo de dispersão e admiração começamos a descer até um pátio onde havia artesanato exposto e um grupo de capoeira que se apresentou para nós. Assistimos a uma

apresentação, conversamos, rimos, os visitantes compraram seus *souvenires*, fotografaram mais e seguimos para a parte final de nossa visita. Passamos por uma igreja, originalmente católica, que fechou, foi um bar, uma igreja evangélica e voltou a ser igreja católica.

Após a igreja, a visita foi encerrada, já na esquina de uma das principais ruas de Copacabana, o que foi uma surpresa para muitos que achavam que não estávamos tão perto assim do “asfalto”.

Turismo e Museu de favela: A Construção de uma nova imagem para as favelas do Rio de Janeiro

No Projeto Turismo no Museu de Favela há uma questão fundamental para análise: O desejo do MUF em ser um museu que represente todas as favelas do Rio de Janeiro. Para isso, a ONG está utilizando a institucionalização deste Museu de Favela e do Turismo de Favela para fortalecer a identidade dos moradores de favela e reafirmar sua cultura.

Esta posição é aliada a toda a proposta do museu no sentido de fortalecimento da identidade local, da cultura local. Cultura esta representada pelos grafites que estão nas paredes em boa parte do roteiro, na pintura dos artistas em telas, na capoeira, no coral das crianças, que também representam os projetos sociais, que são comuns às favelas e no eco-artesanato da rede MUF.

Neste sentido, o caso do MUF lembra em muitos aspectos a aldeia dos Pataxós, em Porto Seguro (Grunenwald, 2002). Os índios organizaram e re-significaram sua cultura para viver do turismo e participar da forte atividade turística da região. Passaram então a organizar apresentações culturais de seus rituais, danças, além de vender seu artesanato, possibilitando a manutenção da aldeia em um local turisticamente valorizado.

Guardadas suas especificidades, o caso dos pataxós e do MUF são semelhantes na medida em que ambos buscam o turismo como gerador de renda em cidades turísticas, respectivamente, Porto Seguro e Rio de Janeiro. Embasados pelo segmento do Turismo Cultural, mais

especificamente, do Turismo Étnico, estas comunidades garantem assim, sua inserção na atividade turística.

Deste modo, o roteiro tem a intenção de nos mostrar uma favela diferente daquelas que vemos nos jornais, estigmatizada pela violência e pelo tráfico de drogas. O roteiro tenta apresentar uma nova imagem da favela.

Por isso, o turismo aliado ao Museu aparece para os moradores, em especial aqueles organizados no MUF, como estratégia de reafirmação da população naquele território.

A segunda questão analítica fundamental sobre o “visitão” se refere aos cuidados e receios do MUF com relação a atividade turística. Este grupo não acha o turismo uma maravilha ou uma panacéia para todos os seus problemas. Sabem que o turismo atrai pessoas de fora dos territórios com interesse na exploração dos mesmos turisticamente. Um exemplo deste fato é a Rocinha, local identificado pelos membros do MUF, como explorado turisticamente por pessoas de fora, e muitas vezes mencionado por eles como uma referência do que eles não querem que aconteça no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. Percebe-se aqui um dos conflitos mais recorrentes no Turismo – as tensões entre “os de fora” e os de “dentro” como já foi trabalhado por Prado (2003) na Ilha Grande.

É importante mencionar que esta tensão envolve no “grupo dos de fora”, fundamentalmente, as agências de viagens, como as que levam turistas de *jeep* para a Rocinha e querem começar a levar turistas para o Pavão, Pavãozinho e Cantagalo.

Há moradores que se referem diretamente ao turismo na Rocinha e aos famosos *jeeps* que fazem visitas a esta favela no Rio de Janeiro. No jornal de apresentação do MUF um trecho descreve um pouco uma idéia de rejeição a estes *jeeps*, mas de forma indireta, a palavra *jeep* não aparece, mas aparece zoológico, que remete a safári e as analogias que muitos fazem a estes *jeeps*:

“Um dizia ‘vamos fazer uma galeria aberta de grafites artísticos na comunidade’, outro ‘vamos fazer um documentário contando a historia do morro’, outro ‘ vamos mostrar aos turistas que as favelas têm um lado melhor do que aquele que é mostrado em outras favelas onde sobem turistas e estrangeiros que acham que a favela é zoológico e morador é bicho’” (trecho extraído do Primeiro Jornal Informativo do Museu de Favela. Pg.2)

No lado “dos de dentro” estão os moradores, e alguns deles reunidos no MUF vêm no Museu de Favela e no seu reconhecimento turístico uma força para a comunidade. Isto, porque, o

reconhecimento das favelas como patrimônio, como está implícito na idéia de museu de território, garante a manutenção da favela no local diante das obras do PAC, que se apresentam como uma ameaça muitas vezes. Havendo um temor da perda das casas, já que a comunidade tem plena noção de que está localizada em uma área muito valorizada da Zona Sul, lembrando os bairros de Copacabana e Ipanema.

Deste modo, o turismo organizado pelo Museu de Favela, deve fortalecer a comunidade local. Isto fica claro no seguinte trecho do Rap do MUF:

“Samba, capoeira, dança de salão nesse caldeirão se mistura dentro da cultura
Etnográfico, prático mundo pobre
Vivências, memórias e fatos que se descobrem
Os autores e precursores, construtores, mentores, pacificadores apaziguadores,
colonizadores acendam os refletores”
(...)
“das vitórias, histórias, brasilidade, vista da laje e das extremidades testemunhos reais,
tesouros marginais, dançai, cantai
Seus bens culturais
Sarafim, Pavãozinho, Cantagalo e Pavão, Vietnã, Caranguejo
Na conexão, Quebra Braço, Buraco Quente, Terrorão, Igrejinha, Nova Brasília um
rolêzão, só chegar no brindão ser sangue bom
Povo anfitrião estende a mão
Aprecie as belezas que emanam dos jardins suspensos de Ipanema e Copacabana.
Museu de Favela é virtude de atitude sincera
Museu de Favela é galeria a céu aberto no beco e na viela
Museu de Favela é virtude de atitude sincera”
(Rap do MUF)

Este trecho do Rap do MUF é um importante componente de análise, pois ele é cantado para apresentar o Museu de Favela e ajuda na reflexão para este trabalho.

Merece destaque, o uso da palavra *etnográfico* no rap, que apesar de aparecer com uma grafia diferente da forma correta, não está ali por acaso, o *etnográfico* remete ao segmento do turismo étnico.

Conforme definição de Van DenBergue (1984), o turismo étnico é aquele em que os próprios nativos são a atração. Deste modo, os Museus de Território são um importante componente do turismo étnico, isto porque, em ambos o atrativo central é o modo de vida, a cultura e as pessoas do território.

Considerações Finais

Entretanto ainda fica uma questão que merece ser ressaltada. A relação museus, turismo e re-significação de comunidades e populações já foi abordada em diversos trabalhos entre eles no ensaio de Witz (2006) *Transforming Museumson Postapartheid Tourist Routes* (Transformando Museus no Pós Apartheid e Rotas turísticas).

Neste ensaio são levantadas questões referentes aos museus e centros culturais que receberam incentivos do governo de Mandela, Pós-Apartheid. Estes museus funcionam como importantes signos no desenvolvimento do discurso de redescoberta de uma herança, uma identidade, de reconciliação e construção de uma nação igualitária, com o objetivo de se tornarem também novas rotas turísticas no país.

No entanto, o modo como se apresentavam estes museus conflitava com as campanhas de divulgação que, desde a década de 20, estavam voltadas para a visita a uma África Primitiva. O caso da África do Sul pode servir de inspiração para pensar o turismo em favelas, que apesar de não possuírem um histórico de campanhas turísticas oficiais como a África Primitiva, convivem com outro tipo de campanha na mídia, uma divulgação da violência e do tráfico.

Esta divulgação da violência nas favelas é conhecida pelos turistas, e é em oposição a estas campanhas deterioradoras da imagem das favelas que o MUF, como já foi apresentado, quer apresentar e representar as favelas. O Museu de Favela tem uma proposta semelhante aos Museus do Pós-Apartheid, na medida em que busca um distanciamento de signos deterioradores. No caso da favela o signo da violência e do tráfico de drogas.

Portanto, é importante termos em mente que na relação turismo e comunidade, os museus têm que constantemente mediar o passado, o presente e suas representações. Esta mediação está envolvida também em um circuito de imagens, signos e a economia do turismo internacional, bem como com o conflito entre as representações.

Referências Bibliográficas:

- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas** - Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo. Edições 70. São Paulo, 2005.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo**. 2007.
- _____. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo (2007/2010)** – Uma Viagem de Inclusão. Brasília, 2007.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Favela como Patrimônio da Cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus*. **Estudos Históricos**(Rio de Janeiro), v. 38. 2006.
- _____. *A favela que se vê e que se vende: Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, p. 61-72. 2007.
- FREIRE-MEDEIROS e MENEZES. *A Construção da Favela Carioca como Destino Turístico* in: **Anais da 58ª Reunião Anual da SBPC** - Florianópolis, SC, Julho. 2006
- GRÜNEWALD, R. A.. *A Reserva da Jaqueira: Etnodesenvolvimento e Turismo*. In: RIEDL, Mário; ALMEIDA, Joaquim A.; VIANA, Andyara L. B.. (Org.). **Turismo Rural: Tendências e Sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. , p. 205-230. 2002
- MENEZES, Palloma. **Interseções entre novos sentidos de patrimônio, turismo e políticas públicas: Um estudo de caso sobre o Museu a céu aberto do Morro da Providência**. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas: Sociologia – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 2008
- MUSEU DE FAVELA. **Primeiro Jornal Informativo do Museu de Favela**. Rio de Janeiro, 2009.
- OMENA, T. **TURISMUF – Turismo no Museu de Favela**. Projeto Extensão. UNIRIO. 2009
- PRADO, Rosane M. *Tensão no paraíso: Aspectos da intensificação do turismo na Ilha Grande*. **Caderno Virtual do Turismo** nº 7. Rio de Janeiro: Instituto Virtual do Turismo/COPPE/UFRJ. 2003
- SCHEINER, Tereza. *Que amigos? Para que Museus?*. In: **Revista Museu**. Disponível em: www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp/?id1987/ Acessado em: 13/06/2009.
- URRY, John. **O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Nobel, 1990.
- VILLELA, Gustavo. **O Aventureiro, Ilha Grande – RJ: Uma análise de mudança social**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- WITZ, Leslie. *Transforming Museums on Postapartheid Tourist Routes*. In: Karp, I., Kratz, C., Szwaja, L. and Ybarra-Frausto, T. (eds). **Museum Frictions: Public Cultures/Global transformations**, Durham, North Carolina: Duke University Press. 2006.

¹<http://institucional.turismo.gov.br/regionalizacao/>